

/2016

Denomina “Aeroporto Glauber Rocha” o novo aeroporto em construção na cidade de Vitória da Conquista (BA).

O Congresso Nacional Decreta:

Art. 1º O novo aeroporto regional de Vitória da Conquista (BA) passa a ser denominado “Aeroporto Glauber Rocha”.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

Através de convênio firmado entre a Secretaria de Aviação Civil e o Governo do Estado da Bahia no valor de R\$ 45 milhões, a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) autorizou a construção do novo aeroporto comercial de Vitória da Conquista (BA). Com previsão de início das operações no primeiro semestre de 2018, o projeto do novo aeródromo prevê a execução de

iluminação da via de contorno, instalação de equipamentos de auxílio de navegação aérea, além de obras complementares como redes de telecomunicação do aeroporto. O terminal terá área construída de 3.500 m² e será composto de saguão, *check-in*, área de embarque e desembarque, raio X, balcões de serviços. A pista de pouso e decolagem do novo aeroporto de Vitória da Conquista terá 2.100 metros de comprimento por 45 metros de largura, pátio para aeronaves, *taxiway*, rampa de equipamentos, subestação elétrica, balizamento noturno, seção contra incêndio e acessos viários internos.

O presente Projeto de Lei visa denominar “Aeroporto Glauber Rocha” o novo aeroporto de Vitória da Conquista, homenageando assim o filho ilustre.

Glauber Rocha nasceu em 14 de março de 1939, em Vitória da Conquista, primogênito de Adamastor Bráulio da Silva Rocha e Lúcia Mendes de Andrade Rocha. Alfabetizado em casa pela mãe, o menino Glauber entrou na escola aos 7 anos e aos 9, escreveu uma peça de teatro em espanhol (“*El hijito de oro*”). Costumava acompanhar o pai que era construtor de estradas de ferro e de rodagem nas viagens pelo sertão da Bahia.

Em 1947, a família se mudou para Salvador. Aos 13 anos já era crítico de cinema na Rádio Sociedade da Bahia, atividade que antecipava o talento pelo qual viria a se notabilizar. De 1957 a 1960, cursou Direito na Universidade Federal da Bahia, sem, contudo, ter concluído. Nesse período esboça as ideias iniciais para um “cinema novo”: filmes de baixo orçamento, focados na realidade social e cultural brasileira, geralmente filmados em branco e preto. Em 1959, filma “Pátio”, iniciando uma produção que totalizaria 20 filmes.

O ano de 1962 é considerado o início do Cinema Novo, cujo epicentro é o Rio de Janeiro. No ano seguinte, com apenas 24 anos, Glauber filma no sertão da Bahia “Deus e o Diabo na Terra do Sol”.

O golpe militar surpreendeu o cineasta no dia 1º de abril de 1964, quando estava fora do país, no Festival de Cannes, onde “Deus e o Diabo” concorria à Palma de Ouro. Embora não tenha levado o prêmio, o filme é

considerado um marco da cinematografia mundial. A pedido da família e amigos, Glauber retarda sua volta ao Brasil, e no exterior lança o texto-manifesto “A estética da fome”, com as bases estéticas e políticas do Cinema Novo e críticas ao paternalismo europeu em relação ao Terceiro Mundo.

De volta ao Brasil em 1965, foi preso junto com outros intelectuais, quando participava de manifestação de protesto contra a ditadura militar em frente ao Hotel Glória onde acontecia reunião da OEA (Organização dos Estados Americanos). As prisões tiveram enorme repercussão internacional, fato que apressou a liberação dos presos.

Outro filme icônico do diretor, “Terra em Transe”, inicialmente foi proibido no Brasil considerado subversivo e ofensivo à Igreja, acabou por ser liberado em 1967 e conquistou prêmios internacionais.

Em 1971 tem início seu exílio. Glauber Rocha viveu em Havana, Paris e Roma, e viajou para várias cidades sul americanas, apesar da carência financeira, sempre produzindo e contribuindo com jornais e revistas, até retornar ao Brasil em 1976. Escreveu para O Pasquim, Correio Braziliense, Folha de S. Paulo e Jornal do Brasil, entre outros.

Além dos filmes pelos quais é mais conhecido, escreveu os livros Revisão Crítica do Cinema Brasileiro, Revolução do Cinema Novo, Riverão Sussuarana, O Século do Cinema e o romance Jango, estes dois últimos, inacabados.

Glauber Rocha faleceu em 22 de agosto de 1981, no Rio de Janeiro, para onde foi trazido às pressas de Portugal, devido ao agravamento de seu estado de saúde, diagnosticado que fora com uma pericardite viral.

Em 1983, sua mãe Lúcia Rocha reuniu o acervo de sua vasta obra, que foi entregue ao MIS (Museu da Imagem e Som), no Rio de Janeiro, onde recebeu o nome “Tempo Glauber”.

Esta resumida cronologia da vida de Glauber Rocha certamente não compreende a magnitude de sua extensa produção artística e intelectual – o permanente exercício acadêmico e cultural de análise e fruição de sua obra nas últimas décadas somente consolidam o seu reconhecimento como maior cineasta do Brasil.

Glauber Rocha já recebeu diversos títulos e honrarias pós morte; nada mais justo do que batizar obra de tamanha relevância em sua cidade natal, razão pela qual peço apoio aos nobres pares para a aprovação deste projeto de lei.

Sala das Sessões, 28 de novembro de 2016.

Deputado **JORGE SOLLA**